

PE 315 - ANÁLISE DAS INTERNAÇÕES HOSPITALARES POR TRANSTORNO DE HUMOR EM JOVENS

Giovana Finatto do Nascimento¹, Giovanna Follador Chieco da Silva¹

1. Universidade do Vale do Taquari (Univates).

Cerca de 75% dos transtornos mentais têm início durante a infância ou adolescência. No contexto dos transtornos de humor, como a depressão e o transtorno bipolar, a internação hospitalar de jovens ocorre em situações de risco iminente à vida ou quando os sintomas comprometem de forma significativa a autonomia do indivíduo. Essa realidade reforça a necessidade de estudos epidemiológicos desses quadros na população jovem. Analisar a ocupação de leitos (OL) por transtorno de humor em jovens de 0 a 19 anos, dando ênfase no sexo e raça dos pacientes internados. Estudo transversal de base populacional com dados obtidos pela plataforma DATASUS, analisando a OL por transtorno de humor infanto-juvenil (0 a 19 anos) durante o período de 2020-2024, segundo sexo e raça. A ocupação de leitos foi de 30.539. Destes, tem-se a seguinte distribuição: Sul (46,41%), Sudeste (30,6%), Centro-Oeste (9,1%), Nordeste (8,8%), e Norte (4,9%). Rio Grande do Sul foi o estado com o maior número (27,4%), seguido por São Paulo (15,9%) e Santa Catarina (14,5%). Os anos de 2024 e 2023 registraram os maiores valores de OL, com 2.591.852 e 2.544.350, respectivamente. Em contrapartida, os menores valores foram observados em 2021 e 2020, com 1.722.950 e 2.043.871, respectivamente. Em relação às idades, a seguinte repartição dos dados: 15 a 19 anos (73,2%), 10 a 14 anos (25,7%), 5 a 9 anos (0,88%), 1 a 4 anos (0,01%) e menor que 1 ano (0,06%). Houve uma predominância do sexo feminino (71,3%) sobre o masculino (28,6%). A etnia branca apresentou metade dos casos totais (51,3%), seguida pela parda (32,3%), as etnias preta, amarela e indígena somam 6,33% juntas. A análise da OL revela uma concentração na região Sul e Sudeste, evidenciando uma possível desigualdade na distribuição ou demanda por serviços hospitalares no território nacional. Mulheres, de cor branca, na faixa etária de 15 a 19 anos e residentes nas regiões Sul do Brasil apresentaram a maioria dos atendimentos. Temporalmente, os anos de 2021 e 2020 tiveram os menores valores, o que pode refletir tanto os efeitos da pandemia de COVID-19 quanto possíveis alterações na capacidade instalada e nos processos de notificação. Esses achados reforçam a importância de análises regionais e sociodemográficas possibilitando que políticas públicas sejam direcionadas para uma abordagem mais específica na prevenção dos transtornos de humor.

PE 316 - ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS TRANSTORNOS MENTAIS E DE DESENVOLVIMENTO EM CRIANÇAS: UM COMPARATIVO REGIONAL E IMPACTO DA ENCHENTE NO RIO GRANDE DO SUL EM 2024

Anna Carolina Santos da Silveira¹, Cristiano do Amaral De Leon¹, Eloize Feline Guarnieri¹, Andressa Pricila Portela¹, Yasmin Soares Gottens¹, Marianne Schrader de Oliveira¹, Victoria Thones Rafo¹, Izabel Cristina Lemes Schneider¹, Júlia Oriques Bersch¹, Adriana D Azevedo Panazzolo¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) - Canoas.

Os transtornos mentais em crianças podem ser desencadeados ou agravados por eventos traumáticos, como desastres naturais. Podendo gerar estresse pós-traumático, ansiedade e depressão, afetando o desenvolvimento emocional e social das crianças. Analisar a incidência de transtornos mentais e comportamentais em crianças de 1 a 14 anos, no período de 2024 no Brasil. Uma análise mensal com enfoque no Rio Grande do Sul durante o período da enchente. Estudo epidemiológico quantitativo obtido pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS). Em 2024, foram registrados 2.243 casos de transtornos mentais e comportamentais no Brasil. Sendo 61 no Norte, 449 no Nordeste, 766 no Sudeste, 825 no Sul e 149 no Centro-Oeste. Em janeiro de 2024 foram 179 casos, 3 no Norte, 40 no Nordeste, 75 no Sudeste, 48 no Sul e 13 no Centro-Oeste. Em fevereiro foram 191 casos, 4 no Norte, 45 no Nordeste, 77 no Sudeste, 57 no Sul e 8 no Centro-Oeste. Em março foram 162 casos, 4 no Norte, 45 no Nordeste, 55 no Sudeste, 54 no Sul, e 4 no Centro-Oeste. Em abril foram 168 casos, 6 no Norte, 35 no Sudeste, 67 no Centro-Oeste, 51 no Sul e 9 no Centro-Oeste. Em maio foram 181 casos, 2 no Norte, 27 no Nordeste, 48 no Sudeste, 91 no Sul e 13 no Centro-Oeste. Em junho foram 209 casos, 10 no Norte, 36 no Nordeste, 51 no Sudeste, 99 no Sul e 13 no Centro-Oeste. Em julho foram 176 casos, 2 no Norte, 30 no Nordeste, 59 no Sudeste, 71 no Sul e 14 no Centro-Oeste. Em agosto foram 156 casos registrados, 2 no Norte, 34 no Nordeste, 47 no Sudeste, 57 no Sul e 16 no Centro-Oeste. Em setembro foram 193 casos, 6 no Norte, 29 no Nordeste, 75 no Sudeste, 69 no Sul e 14 no Centro-Oeste. Em outubro foram 223 casos, 9 no Norte, 44 no Nordeste, 70 no Sudeste, 91 no Sul e 9 no Centro-Oeste. Em novembro foram 198 casos, 7 no Norte, 38 no Nordeste, 72 no Sudeste, 65 no Sul e 16 no Centro-Oeste. Por fim, em dezembro foram 207 casos, 6 no Norte, 46 no Nordeste, 70 no Sudeste, 72 no Sul e 13 no Centro-Oeste. De janeiro a abril, as regiões Sudeste e Nordeste registraram números mais elevados, mas a partir de maio, os valores começaram a subir significativamente no Sul, ultrapassando todas as outras regiões. Em maio, registraram 91 casos, e, no mês seguinte, esse número aumentou para 99 casos. Este aumento, especialmente após a enchente, reflete os impactos psicológicos que o desastre causou, principalmente entre as crianças.

PE 317 - APLICAÇÕES DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO RASTREIO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE: REVISÃO SISTEMÁTICA BASEADA EM DADOS PÚBLICOS NACIONAIS (2014–2025)

Gabrielle Thomaz Balestrin¹, Marina Thomaz Balestrin¹, Vitória Dal Forno Smola¹, Helena Moreira Rodrigues¹, Larissa Letti¹, Guilherme Stahlhöfer Jost¹, Isabela Pontremoli Vieira Rosa Bez¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento com sinais precoces identificáveis antes dos três anos de idade. A triagem precoce é essencial para o início oportuno de intervenções, sendo atribuição da Atenção Primária à Saúde (APS), sobretudo por meio das Unidades Básicas de Saúde (UBS). No Brasil, as diretrizes do Ministério da Saúde (MS) orientam a vigilância do desenvolvimento infantil, mas persistem barreiras operacionais. A inteligência artificial (IA) tem sido estudada como ferramenta complementar para otimizar a triagem no Sistema Único de Saúde (SUS). Avaliar evidências brasileiras sobre o uso de IA no rastreio precoce do TEA em UBS, com base em dados públicos nacionais. Revisão sistemática de estudos e registros públicos brasileiros entre 2014–2025. As fontes incluíram o Departamento de Informática do SUS (DATASUS), Sistema de Informação em Saúde para a APS (SISAB/e-SUS), e documentos técnicos do MS. Critérios de inclusão: uso de IA aplicada ao rastreio de TEA, com validação parcial ou total, em contextos de UBS ou APS. Foram excluídas revisões teóricas ou estudos sem dados primários. A extração seguiu critérios PRISMA adaptados à saúde pública. Foram incluídos 12 documentos: 6 registros de projetos-piloto com apoio do MS, 3 relatórios técnicos do DATASUS e SISAB, 2 diretrizes oficiais e 1 painel interativo do MS. Algoritmos baseados em aprendizado de máquina aplicados ao questionário M-CHAT (*Modified Checklist for Autism in Toddlers*) digital mostraram sensibilidade superior a 85%. Aplicativos como o ELO e a integração do M-CHAT ao aplicativo “Meu SUS Digital” demonstraram viabilidade técnica e aceitação por equipes de saúde. As UBS com maior cobertura de puericultura e acesso digital apresentaram melhor desempenho em triagem. Limitações incluíram a não interoperabilidade com e-SUS e necessidade de capacitação das equipes. A IA aplicada ao rastreio do TEA é tecnicamente viável e alinhada às diretrizes do MS, com apoio parcial do DATASUS e programas do SUS. Embora promissora, sua adoção requer validação ampliada, padronização de fluxos e fortalecimento da infraestrutura nas UBS.

PE 318 - EFEITO ANTIOXIDANTE E COMPORTAMENTAL DO EXTRATO HIDROALCOÓLICO DE UVA ROXA ORGÂNICA EM CÉREBRO DE RATOS EM UM MODELO DE AUTISMO INDUZIDO POR ÁCIDO VALPROICO

Iasmim E. Silva Luiz¹, Manuela Klein¹, Thayna Patachini Maia Becker¹, Alessandra Betina Gastaldi¹, Klaus Johann Jacques Schebek Teixeira¹, Débora Delwing Dal-Magro², Eduardo Manoel Pereira¹, Daniela Delwing de Lima¹

1. Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), 2. Universidade Regional de Blumenau (FURB).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento, caracterizado por deficiências na comunicação social, interesses restritos e comportamentos repetitivos. Estudos demonstraram que a exposição pré-natal ao Ácido Valproico (AVP) induz TEA em modelo animal. Verificar os efeitos protetores do extrato hidroalcoólico (EHA) de uvas roxas orgânicas sobre a atividade antioxidante enzimática em cérebro de ratos machos Wistar com comportamento autista. As fêmeas gestoras receberam 800 mg/kg de AVP por administração intraperitoneal, em uma única vez no 12º dia gestacional. A prole foi submetida a testes comportamentais. Após os testes, foi realizado o tratamento com EHA preparado a partir de frutos de *Vitis vinifera* roxa orgânica. Grupos de animais receberam EHA de uva roxa orgânica de 30 mg/kg, 100 mg/kg e 150 mg/kg e grupo controle salina por 15 dias. Os animais foram posteriormente sacrificados por decapitação para análise antioxidante enzimática da superóxido dismutase (SOD), catalase (CAT) e glutatona peroxidase (GSH-Px) em córtex cerebral e cerebelo. Os dados foram analisados por ANOVA de uma via, seguido do teste post hoc de Duncan e teste de Kruskal Wallis, quando indicado ($p < 0,05$). Os testes comportamentais mostraram estereotipia no grupo autista no teste de auto-limpeza, e o EHA 150 mg/kg diminuiu o tempo de movimentação desses animais. No teste de interação social, o tempo de interação com o animal foi menor no grupo autista. Na avaliação do tempo de interação com o objeto, o grupo autista apresentou um maior tempo com o objeto do que o grupo controle. O EHA em todas as concentrações reverteu esse tempo quando comparado ao grupo controle. No teste do campo aberto, o tempo de locomoção total durante o período analisado foi menor no grupo autista. No teste de escavação, o grupo autista permaneceu com menor tempo de locomoção e de escavação e o EHA 150 mg/kg reverteu esses parâmetros. Em relação às enzimas antioxidantes, o modelo animal de autismo diminuiu a atividade da SOD em córtex cerebral e da GSH-Px em cerebelo e o EHA 30 mg/kg reverteu parcial e 100 e 150 mg/kg reverteu total a diminuição dessas enzimas em ratos com TEA. O estudo mostrou que ocorreram alterações no comportamento de animais induzidos ao TEA e que o EHA foi capaz de reverter as alterações do TEA no comportamento e na atividade antioxidante enzimática em cérebro de ratos.

PE 319 - EFEITOS DA EXPOSIÇÃO PRÉ-NATAL AO ÁLCOOL NO DESENVOLVIMENTO NEUROPSIQUIÁTRICO: ESTUDO DE CASO DE UMA CRIANÇA COM SÍNDROME FETAL AO ÁLCOOL

Tamires Sobral Pereira¹, Alessandro Augusto Teixeira Serea¹, Ana Cláudia Miranda de Barros², Guiherme Américo¹, Isabely Salles da Silva¹, João Pedro de Sá Hernandez¹, Leticia Dessbesell dos Santos¹, Rafaela Lopes Alencar¹, Yasmin Mustafa Moussa¹

1. UNIDERP, 2. Pontifícia Universidade Católica de MG (PUCMG).

A exposição fetal ao álcool prejudica o neurodesenvolvimento, causando alterações estruturais cerebrais e déficits cognitivos. Além disso, está associada a psicopatologias em crianças, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Esses efeitos destacam a importância de avaliar os impactos do álcool no desenvolvimento neurológico e psicológico infantil. Paciente do sexo masculino, com 9 anos de idade, cuja avó relata que a mãe consumiu álcool, tabaco e drogas ilícitas durante a gestação, manifestou desinteresse pela gestação e iniciou o pré-natal tardiamente, aos 6 meses. O parto ocorreu sem complicações, e o paciente recebeu alta junto com a mãe. Em relação aos marcos do desenvolvimento, começou a andar aos 12 meses e tornou-se capaz de se limpar sozinho aos 5 anos, com a ajuda de imipramina para cessar a enurese. Criança apresenta dismorfias faciais, como filtrum plano, lábio superior afilado e prega epicântica. No que diz respeito aos distúrbios neurocognitivos, o paciente precisa de assistência para se vestir, enfrenta dificuldades na aprendizagem, embora consiga ler, só consegue escrever sob ditado, demonstra problemas de concentração e raciocínio lógico. No aspecto psicossocial, ele tem baixa interação social, evita atividades em grupo, tem poucos amigos e tem dificuldade em lidar com frustrações e negativas, mostrando resistência às figuras de autoridade. Após o início do tratamento com risperidona, houve uma diminuição nos episódios de agressividade em relação aos avós e outras pessoas próximas e nos comportamentos de autoflagelação. O tratamento multidisciplinar é essencial para lidar com desafios neurocognitivos, comportamentais e sociais em crianças afetadas pela exposição fetal ao álcool. Contudo, a vulnerabilidade social e a limitação de recursos no sistema de saúde prejudicam o acesso a esse tratamento, restringindo o desenvolvimento da criança. O suporte terapêutico é crucial para desenvolver habilidades de enfrentamento e explorar questões emocionais. A introdução do judô inicialmente causou aumento de agressividade, mas a participação na corrida paraolímpica teve resultados positivos. O uso de risperidona proporcionou maior controle das crises de raiva, melhorando o comportamento e a qualidade do sono. Conclui-se que é necessário um tratamento contínuo e multidisciplinar para mitigar os efeitos da exposição fetal ao álcool.

PE 320 - IMPACTO DA ENCHENTE DE 2024 NA SAÚDE MENTAL INFANTIL NO RIO GRANDE DO SUL: PESQUISA DE CAMPO SOBRE COMPORTAMENTOS E DEMANDAS POR SUPORTE ESPECIALIZADO

Anna Carolina Santos da Silveira¹, Cristiano do Amaral De Leon¹, Eloize Feline Guarnieri¹, Andressa Pricila Portela¹, Ana Carolina da Costa Miranda¹, Flávia Vaconcellos Peixoto¹, Davi Azevedo da Costa¹, Vitória Mascarello¹, Yasmin Soares Gottens¹, Marianne Schrader de Oliveira¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) - Canoas.

Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul (RS) enfrentou a maior enchente de sua história, afetando cerca de 2,3 milhões de pessoas. Impactos na saúde mental das crianças podem afetar seu desenvolvimento. Analisar o impacto da enchente de maio de 2024 na saúde mental das crianças afetadas no RS. Estudo descritivo exploratório de caráter quantitativo, através de questionário online, a população foi composta por responsáveis legais de crianças de 0 a 12 anos afetadas pela enchente, residentes do município de Canoas, participação voluntária e anônima. Variáveis, idade, diagnóstico prévio de transtornos mentais ou do neurodesenvolvimento, necessidade de deslocamento devido à enchente, tempo fora de casa, mudanças no comportamento após o evento, possíveis sintomas físicos associados ao estresse, acesso a suporte psicológico ou emocional. Foram analisadas informações de 31 questionários, com idades entre 4 e 10 anos. Dentre elas, 4: 10 anos, 4: 9 anos, 5: 8 anos, 6: 7 anos, 6: 6 anos, 4: 5 anos e 2: 4 anos. Observou-se 27 crianças (87%) deixaram suas casas, por períodos que variaram entre 40 dias e 3 meses. Destas, 10 crianças (32%) ficaram fora de casa por cerca de 2 meses. Sobre o histórico de saúde mental: 7 crianças (22%) com diagnóstico prévio de transtorno mental ou do neurodesenvolvimento. Dentre essas, 4 crianças (13%) diagnóstico de ansiedade, 2 crianças (6%) diagnóstico de TDAH e 2 crianças (6%) diagnóstico de TEA. As outras 24 crianças (78%) não apresentaram diagnóstico antes do evento. Após a enchente, 26 crianças (84%) demonstraram mudanças no comportamento, incluindo medo excessivo, insônia, irritabilidade, isolamento social e regressão no desenvolvimento, dificuldade para usar o banheiro sozinhas (3), retorno ao uso de fraldas (1) e perda de habilidades de linguagem (2), 18 crianças (58%) relataram sintomas físicos, como dor de abdominal, cefaleia, alterações no apetite e vômito sem causa aparente. Um total de 29 crianças (94%) demonstraram medo com novos eventos. Apenas 2 crianças (6%) receberam algum tipo de apoio especializado. Os resultados mostram o impacto negativo da enchente na saúde mental das crianças, com manifestações psicológicas e físicas. Apenas 6% das crianças receberam apoio psicológico especializado. A ausência de avaliação psicológica e psiquiátrica adequada pode levar à cronificação de transtornos e déficit de desenvolvimento a longo prazo.

PE 321 - IMPACTOS DO USO DE DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS DURANTE REFEIÇÕES NO COMPORTAMENTO E SAÚDE PSICOLÓGICA EM IDADE ESCOLAR

Roberta de Oliveira Mainardi¹, Danielle Rosa Schmitz Cunha¹, Luisa Wanderley Jari da Silva¹, Thomas Salgado Zimmermann¹, Miria Elisabete Bairros de Camargo¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Introdução: O uso de eletrônicos durante as refeições por crianças em idade escolar pode relacionar-se a prejuízos, como interferências no desenvolvimento psicológico e nos hábitos alimentares. **Objetivo:** Identificar como o uso de dispositivos eletrônicos durante as refeições afeta o comportamento escolar e a saúde psicológica de crianças em idade escolar. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico, quantitativo e analítico. Os participantes foram alunos do ensino fundamental da rede escolar pública acompanhados pelo Programa de Saúde na Escola (PSE). Critérios de inclusão: alunos matriculados na rede pública, vinculados às equipes de Saúde da Família. Os dados foram coletados por acadêmicos de medicina no segundo semestre de 2024 através de formulários sobre idade, gênero, tipos de refeições realizadas diariamente e se foram feitas em frente às telas. A população do estudo foi composta por 410 crianças entre 6 e 15 anos. A coleta de dados e seu uso foram autorizados pelo Comitê de Ética da Universidade CAAE nº 84717824.4.0000.5349. **Resultados:** Estudos com jovens de 10 a 18 anos, publicados no *Journal of Public Health*, mostram que adolescentes com maior tempo de tela apresentam várias dificuldades de comportamento escolar e maior risco à saúde mental, como: mau desempenho acadêmico, sintomas depressivos, entre outros. Segundo dados do PSE, 246 (60%) dos alunos realizam refeições com uso de dispositivos com telas, refletindo em hábitos multitarefas. Pesquisas disponíveis na Psychiatry Research com a participação de 4.024 estudantes entre 11 e 23 anos associam o excesso do manuseio de eletrônicos, como por exemplo o uso durante refeições, à maior probabilidade de transtornos mentais. Resultados indicam que a prevalência desses problemas aumenta proporcionalmente ao uso de telas. A maioria dos alunos (95,92%) apresentou tempo maior de exposição ao uso de telas, sendo 66,40% apenas nos finais de semana e 29,52% em dias da semana. Segundo o estudo, 14,34% dos estudantes exibiram problemas psicológicos. Ademais, enfatiza-se que a maioria tinha tempo de tela elevado concomitante com as tarefas semanais, sugerindo prejuízo ao seu bem-estar mental. **Conclusão:** O uso de dispositivos eletrônicos por crianças durante a realização de outras atividades, como nas refeições, representa um risco significativo à saúde, predispondo a problemas no comportamento escolar, desenvolvimento social e psicológico. Trata-se de uma realidade preocupante, que necessita de atenção, considerando o número de usuários conforme os dados do PSE.

PE 322 - IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Alana Blume Sombra Almeida¹, Carla Cristani¹, Paula Wittmann Moresco¹, Carolina Costa Coltro¹, Bruna Vergani Canali²

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), 2. Médica.

O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento marcado por dificuldades na comunicação social, interação e comportamentos repetitivos. O diagnóstico precoce na infância é essencial, pois permite intervenções que melhoram o desenvolvimento e a qualidade de vida. Sinais iniciais incluem falta de contato visual, ausência de resposta ao nome, medos exagerados e dificuldade no brincar simbólico. A detecção precoce facilita o encaminhamento para terapias adequadas e apoio familiar. Além disso, garante acesso a recursos educativos e programas que favorecem a autonomia. Embora existam riscos como estigmatização e erros diagnósticos, os benefícios superam esses desafios. O uso de ferramentas seguras e acompanhamento especializado são fundamentais. Dessa forma, o diagnóstico precoce contribui para o futuro e inclusão social da criança com autismo. Analisar os estudos publicados nos últimos cinco anos, a fim de estabelecer a importância do diagnóstico precoce de transtorno do espectro autista (TEA) na infância. Revisão sistemática realizada por pesquisa, em 22 de março de 2025, nas bases de dados: MEDLINE/PubMed, LILACS e SciELO. Utilizada estratégia de busca: *(Autistic Spectrum Disorders) or (Autism) and (Austim Diagnosis)*. Excluídos artigos publicados antes de 2020. Incluindo os seguintes tipos de estudos: coorte, transversal e retrospectivos, que abordassem a importância do diagnóstico precoce de transtorno do espectro autista (TEA). A busca totalizou dezesseis artigos, avaliados por cinco revisores. Excluídos dois por serem duplicados e oito por não atenderem os critérios de inclusão. Enfim, seis artigos compuseram esta revisão. A análise dos artigos selecionados evidencia a complexidade do diagnóstico do transtorno do espectro autista (TEA), devido à semelhança de sintomas com outros distúrbios e à presença de comorbidades. Além disso, há grande variação nas características dentro do próprio espectro. Os estudos reforçam que o diagnóstico precoce melhora o prognóstico do paciente. Isso ocorre, principalmente, pela possibilidade de iniciar o tratamento adequado de forma oportuna. Os estudos analisados indicam que intervenções para diagnóstico precoce devem ser fundamentadas em evidências científicas, garantindo melhor resposta ao tratamento e qualidade de vida. A redução de obstáculos e a adaptação do ambiente são essenciais. Além disso, os apoios oferecidos devem fortalecer o desempenho funcional e a integração social.

PE 323 - O COMPORTAMENTO SEDENTÁRIO E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Manuela Klein¹, Iasmim e Silva Luiz¹, Cecilia Peruzzo Pereira Zimmermann¹, Sofia Klein¹, Luciano Henrique Pinto¹

1. Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE).

Compreende-se por "sedentarismo" qualquer atividade com baixo gasto energético. No campo cognitivo, há dois tipos: sedentarismo ativo e passivo. O tema ganhou mais visibilidade após a pandemia da Covid-19, período em que a inatividade física infantil aumentou como resultado do confinamento. Além disso, nos dias atuais, devido à globalização, o comportamento ativo do século passado tem sido substituído por brincadeiras em telas. Dependendo do tipo de sedentarismo, os efeitos sobre o desenvolvimento cognitivo podem variar. Esta revisão busca investigar se há relação direta entre sedentarismo e desenvolvimento cognitivo em crianças e adolescentes. Identificar quais características do sedentarismo impactam negativamente no desenvolvimento cognitivo infanto-juvenil, visando alertar a sociedade sobre os riscos do sedentarismo passivo. Esta revisão sistemática seguiu o rigor metodológico PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), que propõe 5 etapas. Etapa 1: definição da pergunta base pelo método PICO – população, intervenção, comparação e desfecho. Etapa 2: seleção de palavras-chave para o esquema booleano, considerando artigos em português ou inglês, de 2020 a 2025, que abordam diretamente o tema, sendo revisões, revisões sistemáticas, meta-análises ou ensaios clínicos. Etapa 3: busca na base de dados PubMed. Etapa 4: triagem dos artigos pela relevância do título, resumo e, posteriormente, a leitura completa. Etapa 5: análise dos dados com planilhas, para comparar variáveis e embasar conclusões. A análise dos 26 estudos eleitos pelo esquema booleano, expõe opiniões divergentes sobre o tema. Alguns autores são a favor do sedentarismo, desde que acompanhe estímulo cognitivo, como a leitura. Outros mostraram-se contra o sedentarismo devido ao uso comum de telas durante este tempo inativo. Além disso, diversos estudos mostraram os malefícios do uso de tela à saúde cerebral das crianças, especialmente na primeira infância. A maioria dos estudos defende a hipótese de que o sedentarismo influencia negativamente o desenvolvimento cognitivo desta população. O estudo reforça a necessidade de conscientização sobre os riscos do sedentarismo passivo na infância e adolescência, destacando a importância da estimulação cognitiva, da prática de atividade física e da adoção de hábitos saudáveis para o desenvolvimento cognitivo.

PE 324 - OBESIDADE INFANTIL NO CENÁRIO DA SAÚDE MENTAL: DEPRESSÃO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Lahra Muniz Couto de Braga¹, Beatriz Paganin Gonçalves¹, Catarina Hauser Schmitz¹, Julia Pohren Reis¹, Laura Fortes Rühling¹, Renato Assmann Maccari¹, Valentina Nicolini Castro¹

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

A obesidade infantil é uma doença que tem se tornado um problema de saúde cada vez mais significativo nos últimos trinta anos, ameaçando o futuro bem-estar da população. Até o momento, pesquisas buscaram estabelecer e prevenir as consequências físicas da obesidade infantil. Contudo, pouco se sabe sobre a associação entre obesidade e transtornos mentais, como a depressão. O risco do desenvolvimento de depressão entre crianças e adolescentes obesos é consideravelmente maior do que naqueles com peso adequado, representando, portanto, um conflito que merece destaque. Esse estudo tem como objetivo examinar publicações científicas existentes sobre a associação entre obesidade e depressão em crianças e adolescentes, e explorar suas repercussões na saúde dessa população. Por meio da base de dados MEDLINE, via PubMed, em março de 2025, realizamos uma revisão sistemática sobre a associação entre obesidade e depressão em crianças e adolescentes. Os critérios de busca das referências incluíram as seguintes palavras-chaves: "children", "obesity", "depression", "mental health". Foram selecionados sete artigos que agregam à pesquisa em questão. Crianças e adolescentes obesos apresentam um risco significativamente maior de insatisfação corporal, baixa autoestima e depressão. Essa probabilidade é ainda maior para meninas. A associação se mostrou mais intensa conforme o aumento da idade das crianças, em paralelo com a capacidade de autorrelato: quanto mais próximos da adolescência, mais frequentemente os sintomas foram declarados pelos jovens, substituindo o depoimento dos responsáveis. Ainda, crianças com sintomas depressivos mais elevados tendem a ter maiores níveis de alimentação emocional. Fatores como resposta inadequada ao tratamento da obesidade e histórico familiar de transtornos neuropsiquiátricos também foram identificados como riscos adicionais para depressão na infância. Destaca-se a necessidade de uma triagem como avaliação preliminar de crianças e adolescentes com obesidade, visando a detecção precoce da depressão. Isso possibilita a implementação de intervenções efetivas desde o início do diagnóstico, focando tanto na obesidade como na depressão. Dessa forma, o tratamento do transtorno psiquiátrico é fundamental para facilitar o manejo da obesidade, frequentemente agravada pelo estresse emocional e fisiológico.

PE 325 - OBESIDADE INFANTIL NO RIO GRANDE DO SUL: UMA IMPORTANTE QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA

Felipe Lindemayer Moreno¹, Isabella da Cruz Marcuzzo², Juliana da Rosa Wendt¹

1. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2. Universidade Franciscana (UFN - S. Maria/RS).

Introdução: A obesidade infantil é um problema de saúde pública crescente no Brasil, com consequências graves para a saúde física e mental das crianças. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, é uma das principais causas de morte evitável em crianças e adolescentes. Assim, torna-se necessário investigar essa questão no contexto do Rio Grande do Sul (RS). **Objetivo:** O presente estudo buscou averiguar a problemática da obesidade infantil no RS, a partir de recentes dados epidemiológicos. **Método:** Foi realizada uma análise descritiva e comparativa dos dados públicos sobre obesidade infantil no Rio Grande do Sul no período de 2010 a 2020, retirados em março de 2025 das seguintes fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria Estadual de Saúde do RS e Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). **Resultados:** A prevalência de obesidade infantil no RS aumentou de 18,1% em 2010 para 25,6% em 2020, sendo maior em crianças de famílias com renda menor que dois salários-mínimos (31,4% vs. 20,5%). Ainda, obesidade infantil foi mais frequente em crianças que assistiam televisão por mais de duas horas por dia (30,1% vs. 20,3%) e naquelas que têm mães com excesso de peso. Além disso, as crianças obesas tinham menor probabilidade de realizar atividades físicas regulares e maior chance de consumir alimentos ultraprocessados e ricos em açúcar. Não se encontraram dados governamentais específicos do RS após 2020, visto que a coleta de dados é, inadequadamente, realizada apenas a cada dez anos pelo IBGE, porém, a Sociedade de Pediatria do RS trouxe em 2023 um dado alarmante: a região Sul possui 11,52% de crianças obesas, constituindo o maior índice do país. **Conclusão:** Evidencia-se que a obesidade infantil é um problema de saúde pública grave e crescente no Rio Grande do Sul, exigindo ações imediatas e eficazes para prevenir e controlar essa condição, sendo imprescindível adotar medidas integradas que promovam hábitos saudáveis, educação nutricional e apoio às famílias, bem como a vigilância epidemiológica regular e frequente.

PE 326 - RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO INFANTIL DE COMUNICAÇÃO PARENTAL NEGATIVA E ESTRESSE INFANTIL AUTO-REPORTADO POR CRIANÇAS

Eduardo Araldi Didoné¹, Rany Jeronimo Rochadel¹, Lucas Nunes Fonseca¹, Gustavo Antonio Strapasson¹, Leonardo Roloff¹, Larissa Laila Dallazen¹, Telmo Laurence Acunha Solé Filho¹, Brenda Prevedello Fiorin¹, Karen Jansen¹, Larissa Hallal Ribas¹

1. Universidade Católica de Pelotas (UCPel), 2. Universidade de Passo Fundo (UPF).

Comunicação Negativa investiga maneiras inadequadas dos pais falarem com seus filhos, tanto em conteúdo, como forma de expressão, com ameaças, xingamentos, gritos, humilhações, o que pode ser prejudicial à criança. Relacionar a comunicação negativa parental, reportada por crianças, com estresse infantil auto-relatado. Estudo transversal, aninhado a um estudo maior de base escolar, realizado com 585 crianças de sete a oito anos de idade, regularmente matriculados no terceiro ano do ensino fundamental de 20 escolas da rede municipal de uma cidade do sul do Brasil. Foram excluídos participantes que por questões cognitivas fossem incapazes de responder aos questionários. Foi aplicado consentimento informado aos pais. Estudo aprovado no Comitê de Ética, protocolo 843.526. Comunicação negativa foi avaliada pelas crianças através da Escala de Qualidade da Interação familiar. Estresse infantil auto-reportado pelas crianças foi avaliado pela Escala de Stresse Infantil. Considerando um nível de significância de 5% e um poder de 80%, foi possível testar hipóteses com r de 0.15 ou mais. Para teste de hipóteses, utilizou-se Correlação de Spearman. Considerou-se estatisticamente significativas as correlações com $p < 0,05$. A maioria das crianças era do sexo masculino (51,8%), de 8 anos de idade (55,7%), cor da pele branca (63,4%) e morava com mães e pais (62,1%). A maioria dos questionários foi respondida pelas mães (84,7%). Comunicação negativa materna ($r = 0.424$, $p < 0.001$) e paterna ($r = 0.436$, $p < 0.001$) correlacionam-se positivamente com sintomas de estresse infantil reportado pelas crianças avaliadas. Pior forma de comunicação parental pode ter relação com mais sintomas de estresse nas crianças avaliadas, pois, na ausência de um atenuante psicossocial, como um relacionamento protetor, seguro e/ou um cuidador carinhoso, pode ocorrer resposta mal adaptativa, com desregulação imunobiológica no eixo hipotalâmico-hipofisário, caracterizando estresse tóxico infantil. Considera-se que os achados não devem ser generalizados para demais faixas etárias. Incentiva-se pesquisas futuras, longitudinais, que ampliem a faixa etária. Encorajamos a comunicação positiva dos pais com os filhos, com adequação de conteúdo de acordo com a idade da criança, com níveis mais altos de discussão, através de conversas regulares sobre o dia a dia e plano das crianças, e que os pais estejam abertos ao diálogo de forma autoritativa, não-autoritária.

PE 327 - SÍNDROME DE DANDY-WALKER E SEUS DESDOBRAMENTOS: UM RELATO DE CASO

Paola Borgmann¹, Julia Helena Lautert¹, Nathallie Appel dos Santos¹, Alessandra Storch Filippin¹, Luciana Faustini Pereira¹

1. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

A Síndrome de Dandy-Walker (SDW) é uma anomalia congênita rara do sistema nervoso central, caracterizada por hipoplasia do vermis cerebelar, dilatação do IV ventrículo e alargamento da fossa posterior, sendo essa a apresentação clássica. É uma doença de elevada morbimortalidade, manifestando-se em um a cada 30.000 nascidos vivos, ainda sem etiologia totalmente conhecida. A possibilidade de diagnóstico dessa malformação no pré-natal através da ultrassonografia no segundo trimestre, bem como a detecção de malformações associadas, tanto intra como extra cranianas, tornam essa patologia ainda mais importante para o conhecimento do especialista, tendo impacto no prognóstico. Trata-se de um relato de caso de uma criança de 2 anos e 3 meses atendida no serviço de pediatria, que apresenta Síndrome de Dandy-Walker diagnosticada intraútero. Durante o pré-natal, através da ultrassonografia gestacional, apresentou dilatação cística posterior da fossa cerebral associada a hipoplasia do vermis cerebelar, o que resultou na condição de hidrocefalia ao nascimento. Progrediu com desconforto respiratório, seguido de crise convulsiva, necessitando internação em UTI neonatal. A ressonância magnética de crânio evidenciou grande coleção líquida retrocerebelar e do tronco cerebral, apagamento das cisternas de base e alargamento dos ventrículos laterais e do III ventrículo, além de comunicação interatrial. Durante os primeiros meses de vida, evoluiu com piora da hidrocefalia e desenvolvimento de extenso hemangioma na face. Avaliação oftalmológica normal. Apresentou atraso global do desenvolvimento neuropsicomotor (DNPM), disfagia com risco de aspiração. Realizou derivação ventrículo peritoneal aos 5 meses de idade. Atualmente, em acompanhamento com equipe de neuropediatria, dermatologia, oftalmologia, fonoaudiologia e fisioterapia, investiga suspeita de autismo. Dessa forma, considerando que a SDW pode levar a graves prejuízos do DNPM e estar associada a outras condições que requerem avaliação e acompanhamento multidisciplinar, faz-se necessário relatar casos com o intuito de melhorar a compreensão dessa síndrome e atentar para a detecção precoce, possibilitando o delineamento da melhor abordagem terapêutica para esses pacientes.

PE 328 - TEMPO DE TELA NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Nathália Melo de Jesus¹, Beatriz Melato¹, Tiago de Paula Landim¹, Raphael Pablo Abreu dos Santos¹, Paola Polis Vargas¹

1. Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Introdução: O aumento significativo do tempo de tela na infância pode impactar o desenvolvimento cognitivo, motor e social das crianças. Assim, é necessário investigar seus efeitos para embasar estratégias de promoção da saúde infantil. **Objetivo:** Este estudo analisa os impactos do tempo de tela na infância, com foco nos efeitos sobre o desenvolvimento cognitivo, a saúde física e o bem-estar, além de investigar estratégias para redução desse uso excessivo. **Método:** Trata-se de uma revisão sistemática orientada pelas diretrizes PRISMA. A busca de artigos foi realizada nas bases BVS, PsycINFO e PubMed, com uso de operadores booleanos e descritores como "tempo de tela", "crianças", "desenvolvimento cognitivo", "saúde infantil" e "bem-estar". A equação de pesquisa gerou 227 resultados (113 na BVS, 90 na PsycINFO e 24 na PubMed). A estratégia PCC (População: crianças, Conceito: tempo de tela, Contexto: pós-pandemia) norteou a pergunta: "Como o tempo de tela influencia o desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar e escolar?". Foram incluídos estudos originais dos últimos 5 anos, publicados em português, espanhol ou inglês, que abordassem a relação entre tempo de tela e desenvolvimento infantil. Excluíram-se estudos com adolescentes ou adultos, revisões narrativas, cartas, editoriais e metodologias inadequadas. Após triagens sucessivas, 16 artigos compuseram a revisão final. **Resultados:** O uso excessivo de telas na infância está fortemente ligado a prejuízos no desenvolvimento cognitivo, como atrasos na linguagem, dificuldades de atenção e pior desempenho escolar, especialmente quando a exposição ocorre antes dos dois anos. Também afeta a saúde física, aumentando o sedentarismo, provocando distúrbios do sono, risco de obesidade e comprometimento motor e sensorial, sobretudo em crianças menores de três anos. No campo emocional e comportamental, observam-se associações com ansiedade, depressão, irritabilidade e sintomas de TEA e TOC. Como o tempo de tela é um fator ambiental modificável, destacam-se estratégias de enfrentamento como a limitação diária conforme a OMS, mediação parental ativa, incentivo a brincadeiras e convívio social, além de políticas públicas voltadas à educação digital e ao suporte às famílias. **Conclusão:** O uso excessivo de telas na infância compromete o desenvolvimento cognitivo, físico e emocional. Torna-se essencial promover o uso consciente das tecnologias e incentivar atividades que estimulem o brincar, o movimento e as interações sociais.

PE 329 - TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: O QUE PENSAM OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE - MÉDICOS E ENFERMEIROS

João Augusto Kops Simon¹, Isabela Malmaceda de Moraes¹, Geórgia Lóss Osório¹, Joyce Premoli Soares¹, Nathalia Hachler Bertoldo¹, Aline Aparecida da Silva Pierrotto¹

1. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, interação social e comportamento. Os profissionais da saúde desempenham um papel fundamental no manejo e no acolhimento da família. Conhecer as experiências de médicos e enfermeiros no cuidado a crianças com TEA. Pesquisa qualitativa descritiva. Realizou-se entrevista com perguntas semi estruturadas com 4 profissionais médicos e 6 enfermeiros de um hospital público pediátrico da capital. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição de ensino e da instituição co-participante com o CAE n: n. 3o 32986720.40000.5344. Todas questões éticas foram respeitadas, inclusive a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Os entrevistados foram identificados por códigos E01 a E10 sequencial. O áudio foi destruído logo após a transcrição e estas serão armazenadas por 5 anos. Após a entrevista com médicos e enfermeiros, foram identificadas duas categorias principais: 1. Desafios na comunicação e no manejo do comportamento e 2. Necessidade de capacitação e suporte para a equipe e a família. Na categoria 1 destacam-se duas falas: “Muitas vezes, a consulta demora mais porque precisamos buscar estratégias para acalmar a criança e ganhar sua confiança.” (E4) e “Os pais são fundamentais para facilitar a consulta, mas também chegam exaustos e sobrecarregados.” (E10). O cuidado de crianças com TEA percebe-se que exige um ambiente seguro e acolhedor, com o uso de estímulos visuais, paciência e envolvimento ativo dos pais. Na categoria 2, destacam-se: “Eu sinto que faltam treinamentos específicos para lidarmos com essas crianças. A abordagem precisa ser mais individualizada.” (E5) e “Trabalhar em equipe com terapeutas ocupacionais e psicólogos tem sido essencial para garantir um cuidado mais adequado.” (E2). Os relatos demonstram que, apesar da importância da humanização no cuidado, persistem desafios como falta de tempo, treinamento e suporte adequado que dificultam as abordagens individualizadas. Além disso, destaca-se que a participação ativa da família é essencial para um atendimento mais eficaz para a construção de um ambiente centrado na criança. O presente estudo evidencia os desafios e as percepções de médicos e enfermeiros no cuidado a crianças com TEA, ressaltando a complexidade da comunicação, o manejo do comportamento e a necessidade de capacitação profissional.

PE 330 - ANÁLISE COMPARATIVA: INCIDÊNCIA DE INTERNAÇÕES DE CRIANÇAS ATÉ UM ANO DE IDADE POR BRONQUITE AGUDA E BRONQUIOLITE AGUDA EM PORTO ALEGRE DE NOVEMBRO DE 2024 A JANEIRO DE 2025 E SEUS IMPACTOS NOS GASTOS HOSPITALARES

Giovanna Rocha Garcia¹, Ana Mariane Marques Barroso², Júlia Arruda Lima³, Gabrielle Conceição¹, Amanda Maia³, Tassiéle Moreira da Silva⁴

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), 2. Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA), 3. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 4. Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas (HMIPV).

A bronquiolite é uma infecção viral do trato respiratório, sendo o vírus sincicial respiratório sua principal causa. Anualmente a doença afeta mais de 30 milhões de crianças menores de cinco anos, resultando em 3,2 milhões de hospitalizações e 200 mil óbitos, principalmente em países de baixa renda. Embora diretrizes nacionais sigam recomendações internacionais, priorizando o manejo de suporte e a restrição a intervenções desnecessárias, a adesão ainda enfrenta desafios, especialmente em regiões com menor acesso a recursos. Fatores como condições socioeconômicas familiares, vacinação e adesão a tratamentos ambulatoriais também são muito significativos para diminuir o número de internações. Este trabalho tem como objetivo de apresentar os principais dados epidemiológicos e orçamentários acerca da incidência de internações de crianças de até um ano de idade por Bronquite Aguda e Bronquiolite Aguda em Porto Alegre no período de novembro de 2024 a janeiro de 2025. Busca evidenciar o impacto dessas doenças em âmbito municipal. Estudo observacional retrospectivo desenvolvido a partir de dados secundários do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), onde foram coletados dados sobre incidência internações de crianças até um ano por bronquite e bronquiolite agudas e valores totais investidos em seus tratamentos entre novembro de 2024 e janeiro de 2025. O número total de internações de crianças de até um ano por bronquite aguda e bronquiolite aguda em Porto Alegre entre novembro de 2024 e janeiro de 2025 foi 128, sendo 55 em novembro, 40 em dezembro, e 33 em janeiro. O gasto total com a internação foi R\$ 42.501,90, sendo R\$ 20.245,46 em novembro de 2024, R\$ 12.701,72 em dezembro de 2024, e R\$ 9.554,06 em janeiro de 2025. O elevado número de internações por bronquite e bronquiolite agudas revela um agravamento à saúde pública, não apenas por onerar de forma significativa o Sistema Único de Saúde (SUS), mas principalmente por prejudicar a qualidade de vida da criança doente e gerar um grande fator de risco para internações futuras. É importante não somente reforçarmos a necessidade de adesão a medidas preventivas para minimizar internações e gastos, mas também para promover a saúde da criança e diminuir complicações relacionadas a tais doenças.